

**SUELI CAVENDISH**  
é professora de Inglês e  
de Literaturas de Língua  
Inglês no Departamento  
de Letras da Universidade  
Federal de Pernambuco,  
ensaísta e tradutora.

SUELI CAVENDISH

# O estado da crítica: entrevista com

# Jonathan

**J**onathan Culler, conhecido do público acadêmico brasileiro por meio dos livros *Teoria Literária: uma Introdução*<sup>1</sup> e *Sobre a Desconstrução*<sup>2</sup>, é um teórico cuja obra se desenvolve tanto na direção de uma reflexão própria quanto na da disseminação de determinados corpos de conhecimento, o estruturalismo e a desconstrução. Em relação à primeira direção, é possível destacar os seus esforços pela renovação de uma teoria literária estruturalista, com a proposição da noção de “competência literária”, que tem Chomsky como ponto de partida, mas cuja ênfase recai no conhecimento que tem o leitor, conhecimento sistematizado e predeterminado pela convenção. Ao invés de buscar o “significado secreto” de um texto, a leitura crítica deve centrar-se nas operações que vão do texto à representação da compreensão do texto; e na investigação do aparato lingüístico do leitor como

1 Tradução de Sandra Vasconcelos, São Paulo, Beca, 1999.

2 Tradução de Patrícia Burrowes, Rio de Janeiro, Record/Rosa dos Tempos, 1997.

conjunto codificado e sistematizado. Culler vê a literatura como um signo institucional, que dá ao ser humano uma razão para crer que o resultado do seu esforço de leitura será recompensado. E a competência literária como a aquisição do sistema que é institucionalizado pela academia.

Foi, porém, com os produtos da segunda direção tomada pelo seu trabalho em teoria literária que veio a notabilizar-se. Em 1975 publicou *Structuralist Poetics: Structuralism, Linguistics, and the Study of Literature*, uma versão revisada da tese de doutorado, com o qual conquistou o prêmio James Russell Lowell de melhor livro do ano em crítica literária, concedido pela Modern Language Association of America. E em 1982 *On Deconstruction: Theory and Criticism after Structuralism*, com o qual introduziu o pensamento de Jacques Derrida nos países de língua inglesa e consolidou a sua marca de pensador claro e lúcido – Culler é hoje o quinto

mais citado entre os teóricos vivos – no tratamento das questões mais complexas. Também conhecida no Brasil é a sua surpreendente intervenção nos Seminários Tanner sobre Valores Humanos, em defesa da superinterpretação, ou da interpretação paranóide: “[...] a interpretação só é interessante quando é extrema. A interpretação moderada, que articula um consenso [...] é de pouco interesse”<sup>3</sup>.

Depois de graduar-se com distinção em Harvard, em História e Literatura, Culler completou os seus estudos graduados em Oxford, na Inglaterra, com o auxílio de uma bolsa de estudos Rhodes, na área de Línguas Modernas. Foi professor visitante na Universidade de Yale e, desde 1974, ensina na Universidade de Cornell, tendo assumido a cátedra Class of 1916 Professor of English and Comparative Literature, antes ocupada por M. H. Abrams. Atualmente é diretor do Departamento de Literatura Comparada dessa mesma universidade.

3 Umberto Eco. *Interpretação e Superinterpretação*, São Paulo, Martins Fontes, 1993.

# Culler

*William Blake certa vez afirmou que o homem que não cria o seu próprio sistema corre o risco de tornar-se presa de um sistema alheio. Se há verdade nessa afirmação, quero dizer que de modo algum ela se aplica ao seu caso; se há verdade nisso, o seu trabalho constitui uma honrosa exceção. Colocando-se em um lugar de onde articula diversas correntes de crítica e teoria literária, o senhor desempenha um papel extremamente importante ao expor os seus pressupostos epistemológicos e suas fundações filosóficas e ao torná-las disponíveis para muitos. Como avalia sua própria trajetória em teoria e o que vê como o produto mais importante de seu empreendimento na área?*

Suponho que o produto mais importante, assim como o efeito mais contundente do meu trabalho em teoria literária, tenha sido, e seja ainda, o de familiarizar uma ampla variedade de leitores – tanto aqueles que se profissionalizaram na especialidade dos estudos literários quanto os que se situam fora do domínio dos estudos literários – com diversas correntes do pensamento moderno que considero extremamente importantes. Avalio a minha contribuição como sendo a de tornar acessíveis certos tipos de crítica, a de promover certas correntes de pensamento e a de preparar profissionais para a prática da crítica de um modo determinado, a de induzi-los a perseguirem certas linhas de investigação literária, sejam estas rotuladas de estruturalistas ou desconstrucionistas. Certamente as pessoas lêem os meus trabalhos com o objetivo de conhecer uma escola de pensamento ou uma determinada prática crítica com as quais têm o interesse de se envolver. A disseminação desse tipo de conhecimento, creio, é a minha maior realização.

*O senhor considera que ficou afastado de questões polêmicas? Não parece haver registro do seu envolvimento nas querelas que são comuns ao campo. . .*

Não tenho dúvidas de que me vejo como alguém que promove determinados tipos de abordagem e que desencoraja, ao não promovê-los, outros tipos; assim, certamente não me vejo como alguém que tenha ficado afastado de questões polêmicas. Além disso, dirigi acirradas críticas à instituição acadêmica por seu fracasso em constituir uma crítica da religião, juntamente com a crítica ao sexismo e ao racismo, que são os seus alvos mais freqüentes.

*Em Teoria Literária: uma Introdução, o senhor registra que a teoria é um corpo de pensamento cujos limites são extremamente difíceis de precisar. Concebida, como tem sido também a ficção, como uma “criação de mundos”, a teoria se aproximaria da própria ficção? Nesse caso a teoria literária poderia ser considerada um gênero entre outros do campo literário, poderia alcançar o estatuto da arte?*

Bem, essa é uma pergunta muito ampla sobre a natureza da teoria literária e dos seus efeitos e a forma como efetivamente nos posicionamos depende da definição do outro termo. Em geral tenho sido extremamente reticente em afirmar que a teoria literária ou a crítica literária devam buscar para si mesmas o estatuto de arte. Houve de fato, nos anos 80, uma vertente da crítica que assim o fez. Geoffrey Hartman escreveu sobre a crítica como uma forma de arte – defendia a noção da crítica enquanto criação como uma forma artística – propugnava a prática da crítica, enfim, como uma forma de auto-expressão. Na verdade, uma das razões pelas quais venho resistindo a aderir a tal identificação é a de que muito freqüentemente a tentativa de fazer da crítica uma forma de arte envolve uma concepção de crítica como auto-expressão, como a expressão das idiosincrasias da individualidade do próprio crítico. Parecia-me e parece-me, ainda, que não é aí que se encontra o valor, a despeito da importância das formas criativas na escrita crítica.

Entretanto penso, de fato, que a teoria literária, na medida em que é uma criação do espírito humano, uma tentativa de compreender o mundo e especialmente de buscar a significância dos produtos humanos no interior desse mundo, pode certamente ser encarada como análoga à literatura, que é um outro empreendimento da mesma natureza; ou seja, a teoria literária é uma tentativa de encontrar o sentido da experiência humana, da invenção humana de variadas espécies. Ficaria, por conseguinte, feliz de poder, num nível bastante abrangente, situá-las uma ao lado da outra. Mas naturalmente nesse nível tão amplo como o que aqui discutimos, também a ciência entra no quadro como uma espécie semelhante de empreendimento; com diferentes protocolos e visões distintas do que conta como sendo válido, talvez, mas ainda assim muito semelhante. Aquilo a que tenho resistido consistentemente é a idéia de que a teoria literária existe apenas para servir aos interesses da interpretação literária e de que a finalidade única da teoria literária é a de tornar possíveis novas interpretações de obras literárias. Creio no valor da teoria literária em si mesma, como uma tentativa de compreender aspectos essenciais da atividade humana, não apenas no campo da literatura, mas dos diversos usos da linguagem, a habilidade de dar sentido à experiência, enfim. A extensa gama das operações semióticas da experiência humana pode ser vista como o objeto da teoria literária concebida em seu sentido *lato*.

Creio que a teoria é um empreendimento maior, e que se decida chamá-lo de científico ou de artístico depende parcialmente da noção que se cultiva a respeito da ciência. Direi apenas, em acréscimo, que nos Estados Unidos a ciência é geralmente concebida como uma atividade empírica que necessita ser testável, ao passo que na maior parte das línguas européias a *ciência*, ou *Wissenschaft*, por exemplo, é compreendida como um pensamento sistemático ao invés de um pensamento empírico, e é nesse caso muito mais fácil de se conceber uma *Literaturwissenschaft*, uma ciência da literatura, ao passo que nos Estados Unidos

uma “ciência da literatura” parece mais um oxímoro, uma combinação de termos contraditórios. Em suma, a proporção em que a teoria literária e a crítica literária se aproximam da condição de ciência depende basicamente da concepção de ciência com a qual estamos operando.

*Em “Para Além da Interpretação” (“Beyond Interpretation”), primeiro capítulo de Em Busca dos Signos (The Pursuit of Signs), o senhor parece qualificar a interpretação como algo que atravança o pensamento teórico. Nos Estados Unidos essa tendência à interpretação de obras literárias, o senhor afirma, é um legado da nova crítica. E aponta, como uma razão para o sucesso da desconstrução nos Estados Unidos, a sua característica de poder tornar-se facilmente um método de interpretação. O que pensa a respeito dessa questão neste momento? Não seria a falta de uma tradição filosófica nos Estados Unidos, além da tradição do pragmatismo, o fator responsável pela debilidade do pensamento teórico?*

Bem, essa debilidade é por certo um fator a ser considerado, mas eu estava interessado, por exemplo, em contrastar os destinos do estruturalismo e da desconstrução nos Estados Unidos, onde a desconstrução foi muito mais rapidamente assimilada e teve uma disseminação bem mais ampla, enquanto o pensamento estruturalista, visto inicialmente como algo novo e instigante, cedo encontrou também uma maior resistência. E com o advento da crítica desconstrucionista de alguns textos estruturalistas, teóricos e críticos mostraram-se muito inclinados a lançar mão da noção de um pós-estruturalismo como uma forma de ultrapassar o estruturalismo, como uma maneira de não terem que se defrontar com as ambições sistemáticas das teorias estruturalistas de várias espécies. Isso me levou a considerar a sedução esmagadora exercida pela interpretação nos estudos literários, especialmente nos Estados Unidos, como responsável em parte pelos destinos da desconstrução. Há outras tradições filosóficas nos estudos literários

que não tiveram tanta aceitação nos Estados Unidos, mas a obra filosófica de Derrida toma a forma de uma leitura de textos filosóficos; não consiste na construção de uma teoria desde as fundações, uma vez que é sempre uma leitura de Platão, uma leitura de Rousseau, uma leitura de Heidegger.

*A identificação da desconstrução com a América, a noção de que a desconstrução é um produto americano, parece ser uma opinião corrente. Gostaria de ouvi-lo sobre essa questão.*

Suponho que se deva parcialmente ao fato de que a fortuna do termo tenha sido singularmente produzida na América. Na França a idéia da desconstrução como um movimento é algo que se origina na América, que retorna da América, no sentido de que é devolvida pelo que aqui se vem produzindo. Há filósofos como Derrida, Jean-Luc Nancy, Philippe Lacoue-Labarthe e Sarah Kaufman, cujo trabalho se desenvolve numa tradição européia, na esteira de Heidegger, elaborando os seus projetos dentro dos marcos de uma tradição continental. Suas obras vieram a ser identificadas como algo específico a que se vem chamando de desconstrução por causa do sucesso da desconstrução na América, por causa do seu sucesso no domínio dos estudos literários em particular. Esses filósofos começaram a ser chamados, então, de “desconstrucionistas.” *La Déconstruction* veio a existir na França em razão da América. Isso ocorreu provavelmente porque nos meios acadêmicos americanos as novidades são sempre premiadas: há um desejo de cunhar novos termos para nomear novos movimentos; as pessoas desejam ver-se a si mesmas como participantes de uma vanguarda crítica; como você mencionou anteriormente, a falta de uma tradição filosófica nativa, especialmente de uma tradição que seja responsiva às grandes obras da filosofia continental, pode tornar necessário criar um novo nome para algo como a obra de Derrida.

*Publicado nos anos 90, Teoria Literária: uma Introdução (Literary Theory: a Very Short Introduction) alinha o formalismo russo, a nova crítica, o estruturalismo, as teorias feministas, a fenomenologia, entre outros, entre algumas das escolas teóricas do cenário de então. O que muda nesse quadro desde aquele momento? O senhor poderia mapear o presente estado dos estudos literários nos Estados Unidos, articulando as diversas correntes às suas fundações filosóficas?*

Um dos principais problemas que identifico na atualidade é que as pessoas que trabalham no campo dos estudos literários nos Estados Unidos têm assumido uma posição defensiva; essas pessoas não se sentem mais como líderes de novos movimentos, nem na crista da onda ou na vanguarda dos altos estudos nas humanidades, de tal forma que profissionais em outros campos não têm mais que se familiarizar com o que eles estão fazendo para também se tornarem atualizados e vanguardistas. Essa posição defensiva envolve certo grau de consolidação do pensamento que tomou várias direções durante os anos 80; por exemplo, é uma consolidação no sentido de que os críticos não se mostram mais tão inclinados a se identificarem com uma única escola crítica, ou a serem vistos como seus defensores. Os críticos da atualidade se mostram muito menos inclinados a se denominarem de críticos marxistas, ou como praticantes de uma crítica fenomenológica, de uma crítica mítica, ou mesmo a se chamarem desconstrucionistas. Naturalmente há ainda alguns que se caracterizariam como novos historicistas; e o historicismo, como fenômeno crítico mais amplo, tem conquistado um peso considerável em anos recentes. Como resultado desse ganho de força tem havido uma diversificação da crítica historicista, de tal forma que não há mais um único novo historicismo, mas muitas abordagens distintas. Há críticos que se interessam particularmente pela cultura material e pela história do livro ou, ainda, pela história das práticas da impressão e da disseminação. Indagam-se a respeito das

formas pelas quais os meios materiais de produção podem ser envolvidos na reflexão sobre os textos literários em seus contextos. Há outros interessados na história das idéias em um sentido foucaultiano, partindo do pressuposto de que a exploração da história, em sua acepção mais ampla de *mentalité*, deve ser vista como o empreendimento mais fundamental da crítica. Creio que diria que, se é possível afirmar a existência de um modo dominante de crítica nas escolas de pós-graduação americanas, esse modo seria foucaultiano. Os alunos dos programas de pós-graduação em Cornell tendem a produzir dissertações que analisam uma variedade de obras literárias tomadas como exemplares com relação a alguma mudança cultural profunda, a uma mudança de atitudes com relação a algo, algum conceito ou categoria – alguma mudança no pensamento sobre a sexualidade, alguma transformação na concepção, por exemplo, do que seja o ciúme. Eu identifico esse tipo de crítica como sendo, em termos gerais, historicista, no sentido de que todos esses jovens acadêmicos esperam encontrar algum tipo de transformação que as suas interpretações de obras literárias contribuam para rastrear. O foco pode estar em uma única obra, mas pressupõe-se que a realidade fundamental que eles estão investigando não é uma questão acerca de gêneros literários ou de estilo, mas um conjunto de categorias culturais subjacentes. Avalio esse tipo de estudo como uma crítica, no geral, foucaultiana, mesmo que os métodos sejam bastante diferentes: variados tipos de métodos formais podem ser usados, a estilística, a interpretação de figuras, o foco na linguagem, a abordagem de obras literárias através de metodologias que o próprio Foucault certamente não utilizaria. Mas de fato parece que em muitos dos projetos de crítica nos dias atuais o objetivo subjacente é foucaultiano: de uma forma ou de outra é o de traçar ou empreender uma espécie de arqueologia do presente ou uma arqueologia do passado.

Suponho que a coisa mais fácil de se identificar na cena crítica atual é o relativo declínio de várias escolas críticas e de

vários métodos críticos que anteriormente pareciam bastante diferenciados e que agora parecem mais propensos a se fundirem, a não ser facilmente identificáveis. Assim, a psicanálise, por exemplo, que durante certo tempo foi uma escola crítica ou uma modalidade crítica bastante agressiva, na qual os críticos utilizavam um jargão completamente distinto da linguagem geral, ou a crítica feminista, que já foi bastante idiossincrática, vêm perdendo seus contornos mais agudos, suas arestas mais afiadas e estão cada vez mais se fundindo às outras, de tal forma que é possível haver uma dissertação na qual o escritor se utiliza de Freud, entretanto, envolve-se numa espécie de tentativa foucaultiana de identificar categorias culturais fundamentais como as que citei anteriormente e, mais ainda, tomando essas categorias de empréstimo a Derrida, por exemplo. Estamos diante de uma cena crítica na qual de algumas maneiras é difícil identificar vetores particulares; é muito mais fácil identificar influências e múltiplas espécies de fontes e fundamentações teóricas e filosóficas. Eu não diria exatamente que é uma síntese; não é que tenhamos alcançado uma síntese feliz na qual todos os movimentos críticos do passado tivessem se articulado dentro de uma única corrente, mas sim que as divisões entre as nossas tendências críticas atuais, entre as nossas escolas críticas modernas, não são mais tão vigorosas e interessantes quanto já foram. Incidentalmente, esse fato tem tornado os departamentos de literatura bem mais harmoniosos; as pessoas não se confrontam mais sobre as maneiras mais adequadas de proceder. E fica também mais difícil conceder entrevistas interessantes sobre o estado da crítica, assim como escrever artigos sobre a crítica, isso é inegável. Naturalmente o que pode estar ocorrendo é que eu, por ser bem mais velho agora, tenha mais dificuldade de identificar novas correntes da crítica que alguém mais jovem fosse capaz de abordar.

*Qual o traço mais fundamental a opor os estudos culturais e os estudos literários, tomados estes últimos em seu sentido*

*clássico? Em que ponto se tornam eles radicalmente incompatíveis?*

Houve certamente um momento em que os estudos culturais se mostraram bastante agressivos, um momento em que afirmavam que deveriam ser a rubrica geral sob a qual a literatura deveria ser estudada. E em que afirmavam que o estudo da literatura era simplesmente um caso especial dos estudos culturais em geral. Creio que um desenvolvimento importante em anos recentes tem sido o enfraquecimento desse traço agressivo dos estudos culturais. Com certeza eles se encontram firmemente estabelecidos nos departamentos de literatura. Os estudos culturais são uma abordagem alternativa, mas não uma abordagem a que se tenha permitido tornar-se hegemônica. Creio ter havido uma reviravolta, no sentido de que a ênfase tem sido crescentemente deslocada para a importância do envolvimento com a linguagem do texto literário. Percebo também a existência de um retorno crucial ao interesse pela estética, que durante certo tempo, sobretudo nos anos 90, era considerada quase que uma palavra obscena; o “esteticismo” era um pecado do qual se poderia ser acusado. No ano passado, em Cornell, houve um curso de pós-graduação sobre a história da estética, oferecido por um jovem professor do Departamento de Alemão, Peter Gilgen, que de repente se tornou um curso que todos os alunos dos departamentos de literatura queriam frequentar. Esse professor atraiu 40 alunos de pós-graduação para o seu curso, alunos que queriam ler Kant, Hegel e Adorno – a história do pensamento estético moderno tornou-se, surpreendentemente, um assunto de interesse fundamental. A estética deixou de ser algo passível de ser etiquetado como descartável. Creio que tem havido também um considerável retorno do interesse em conceitos como o conceito do Belo, que durante certo tempo chegou a ser também um tema expurgado do discurso crítico. Elaine Scarry publicou recentemente um livro chamado *Sobre a Beleza*, por exemplo. Acredito haver em geral uma retomada do interesse sobre questões da estética e sobre

as características distintivas da linguagem literária. Por conseguinte a questão em torno da qual os estudos culturais e os estudos literários poderiam ser considerados incompatíveis vem a ser de fato a questão da linguagem. Deve a linguagem das obras literárias ser vista sintomaticamente, como fazem os estudos culturais, como sintoma de algo mais, de alguma formação social, ou deve ser vista como uma coisa importante em si mesma, por sua engenhosidade, sua eficácia, seus efeitos, devo dizer. Aqui se encontra um divisor de águas. A visão de que tal linguagem deva ser lida em si mesma não é de modo algum majoritária, como mencionei anteriormente quando falava sobre o que considero abordagens muito comuns entre nossos próprios alunos de pós-graduação. Eles demonstram certo nível de desejo de interpretar essas obras como reflexos de uma mudança social fundamental e, nesse sentido, talvez haja um substrato dos estudos culturais em operação mesmo nos projetos que focalizam obras literárias e não apenas, por exemplo, o estudo do filme ou da cultura popular. Mas tem havido uma retomada importante das questões que os estudos culturais tendem a pôr de lado. Entre nossos alunos de pós-graduação, por exemplo, os teóricos mais populares no momento são Giorgio Agamben, um filósofo *quasi* desconstrucionista, que escreve sobre a forma literária, sobre o nascimento da linguagem literária e sobre a história da literatura italiana em seus primórdios, e Alain Badiou, filósofo francês que escreve aforismos sobre estética. Além de Derrida são esses os filósofos continentais mais populares entre os estudantes de pós-graduação, o que atesta o retorno do interesse em questões estéticas.

Devo acrescentar que os estudos culturais de fato alcançaram a sua completa legitimidade nos dias atuais; deixaram de ser objeto de contestação; na verdade asseguraram um lugar respeitável na maior parte dos departamentos de literatura e, decerto, na maioria dos catálogos das editoras. Evidentemente os estudantes não consideram os estudos literários e os estudos culturais como opções mutuamente

exclusivas. Não se vêem na obrigação de decidir sobre se irão trabalhar com temas dos estudos literários ou dos estudos culturais, embora, como afirmei anteriormente, eles sejam incompatíveis com respeito a certas questões. Cada vez mais determinadas abordagens dos estudos culturais são aceitas sem discussão, embora o interesse na forma literária e no que foi estigmatizado como alta cultura tenha aumentado. Por conseguinte os estudos culturais estabeleceram a sua legitimidade, mas não conseguiram eclipsar ou marginalizar o estudo literário de obras literárias, que tem retornado e permanece como um projeto mais importante nos estudos literários neste momento.

*Mas qual é o seu ponto de vista pessoal a respeito das contribuições mais importantes dos estudos culturais?*

Bem, eu tenho uma visão muito pouco ortodoxa dos estudos culturais, que certamente não é compartilhada pelos praticantes americanos dos estudos culturais, na medida em que os concebo essencialmente como um prolongamento, sob um novo nome, dos projetos inacabados do estruturalismo e da semiótica, que afinal de contas verdadeiramente se dispuseram a compreender não apenas a literatura, mas a mecânica do significado e o funcionamento das formas culturais de modo geral. Os estudos culturais freqüentemente se guiaram pelos mesmos objetivos, enquanto tentavam concomitantemente resistir à abordagem filosófica ou ao interesse na semiótica, enquanto tentavam identificar-se com o popular, ao passo que o estruturalismo nunca se concebeu como algo que tivesse que se identificar com as formas culturais populares que tomava por objeto de estudo. Quando Roland Barthes escreveu *Mythologies* ele certamente não se arvorou em defensor das formas populares que estudava, embora estivesse tentando expor a maneira pela qual a burguesia impõe as suas próprias normas culturais como naturais. Entretanto, com freqüência os estudos culturais, na esteira da tradição britânica, têm se alinhado com a cultura popular contra



a cultura de elite. Na tradição estruturalista e semiótica essas práticas culturais eram investigadas sem que necessariamente se tentasse promovê-las ou defendê-las. Vejo de fato os estudos culturais como uma disciplina importante ao dar seqüência aos projetos do estruturalismo e da semiótica. É certamente uma abordagem legítima, na medida em que todas as espécies de práticas culturais devem ser estudadas.

Em particular creio que o estudo do filme e do vídeo é um empreendimento importante. Esse estudo parece haver caído no domínio dos estudos culturais e é, portanto, uma manifestação das conquistas dos estudos culturais que deve ser celebrada. De fato creio, embora não seja de modo algum um especialista no assunto, que a teoria do filme tem estado demasiado fundamentada em antigos modelos. E que necessita ser repensada agora que a experiência primária do filme deixou de ser a de estarmos sentados num auditório, em meio a uma grande multidão, assistindo às imagens numa tela ampla e distanciada, para tornar-se cada vez mais a de consumirmos o filme em nossa própria tela, em casa, com um vídeo ou um DVD alugado, num tipo bastante diverso de espaço cultural. Muitas das teorias da recepção do filme tomaram as antigas condições de expectativa como norma para uma teoria crítica do filme, por conseguinte alguma reconsideração do olhar cinematográfico se faz necessária. Creio que as teorias do desejo cinematográfico no contexto dos estudos culturais têm que passar por transformações agora que a expectativa dentro de um cinema não é mais a norma. É um tipo de experiência bem diversa que necessita ser teorizada pelos estudos culturais.

*O que mudou no cenário institucional americano desde o advento da desconstrução? Houve uma evolução em direção ao que o próprio Derrida considerava essencial ao projeto desconstrucionista? Por exemplo, as normas e premissas fundamentais dos discursos dominantes, a estrutura das instituições acadêmicas e a pesquisa que as acompanha sofreram*

*alguma transformação expressiva, como Derrida afirmou que elas sofreriam, por influência da desconstrução?*

Há, decerto, nos Estados Unidos tentativas de repensar a instituição, e não apenas nos estudos literários. O exemplo mais impactante talvez seja o livro de Bill Readings intitulado *The University in Ruins (A Universidade em Ruína)*, mas este foi um título dado pelos editores, depois de sua morte, ao manuscrito que ele vinha chamando de *The University Beyond Culture (A Universidade para Além da Cultura)*. Ele refletia acerca das transformações na universidade e como, especialmente, a mudança daquilo a que chamava de “a universidade da cultura”, que havia sido concebida para produzir sujeitos nacionais, cidadãos culturais que herdariam o patrimônio cultural de uma nação, para o que chamou de “a universidade da excelência”, “excelência” tendo se tornado uma palavra vazia para promover o controle burocrático; eles não se importam com o que você ensine contanto que você o faça com excelência, assim como determinam várias espécies de mensurações – sejam estas avaliações dos seus colegas, grau de satisfação dos estudantes, número de diplomas obtidos e assim por diante. O conteúdo da educação universitária deixa de ser importante e cada vez mais o sucesso de um departamento ou de um programa ou mesmo da universidade é avaliado em termos de várias escalas quantitativas (avaliação dos colegas, reação dos estudantes, contribuições para a instituição, número de publicações e assim por diante). Essa é uma concepção bem distinta de instituição, e o livro de Bill Readings é uma tentativa de repensá-la. Naturalmente o próprio Derrida escreveu bastante sobre a instituição e eu tenho alguns artigos sobre o assunto, mas não encontrei nenhuma resposta para as questões que coloco.

*Mesmo Derrida tendo afirmado que “não há um fora do texto”, as relações entre a literatura e a cultura não são uma questão*

*resolvida. Assim como também não é uma questão resolvida o conhecimento sobre a natureza da ficção e sobre a sua função na sociedade. Que correntes de pensamento oferecem contribuições mais substanciais ao equacionamento desses problemas?*

Temos ficções para fazer sentido da experiência. Precisamos ser capazes de imaginar alternativas. A concepção das possibilidades do pensamento utópico naturalmente requer que existam ficções; tanto o pensamento utópico quanto o distópico são sempre acionados pela ficção. Uma das linhas de argumentação de Derrida se encontra em um livro chamado *Demeure: Fiction and Testimony (Morada: Ficção e Testemunho)* sobre Maurice Blanchot. Nele Derrida argumenta que mesmo formas como o testemunho dependem, em última instância, da ficção. A estrutura da ficção se torna uma espécie de estrutura geral da qual algo como o testemunho seria um caso particular. Mais uma vez é uma questão de pontos de vista, creio: se a ficção é concebida em oposição a algo mais – então teríamos um tipo de resposta sobre a sua função – ou se é concebida como uma estrutura geral da qual oposições emergem, teríamos algo diverso. Neste último caso a ficção seria uma categoria tão ampla que abrangeria tudo; isso evitaria que algo se opusesse à ficção. Assim, a não-ficção seria apenas um caso especial de uma ficcionalidade geral. E a ficção transforma-se em outro nome para um tipo de espacialização ou temporalização que é a condição do significado em geral.

Suponho, por conseguinte, que uma das mais importantes contribuições do trabalho de Derrida tenha sido o de um tipo de reestruturação que se torna mais perceptível para nós em outras áreas: tal como a desconstrução da oposição entre a fala e a escrita, e o argumento de que a fala é um caso especial de uma arquiescrita generalizada, uma *archi-écriture*. Argumentos semelhantes podem ser desenvolvidos em outros casos, tais como o que diz respeito à distinção entre o sério e o não-sério, o não sério como uma condição ou uma possibilidade para o sério.

Penso efetivamente que a obra de Derrida sobre a oposição entre o ficcional e o não-ficcional é extremamente importante.

Há certamente outras linhas teóricas de investigação que são importantes. Tenho especial interesse nos trabalhos de Walter Benjamin e Theodor Adorno. Acredito que são pensadores fundamentais do século XX e que as suas respectivas obras são extremamente importantes para a teoria literária americana. Benjamin mais importante ainda que Adorno, por razões que talvez não me pareçam inteiramente válidas, mas que se deva talvez ao fato de Benjamin ser tão enigmático e escrever ensaios curtos, fragmentários, ao passo que há um volume tão grande de Adorno para ler que lidar com Adorno se torna uma empreitada bem mais difícil. Não obstante, penso que estes são dois teóricos que continuaremos a ler e sobre cuja obra continuaremos a refletir nas décadas vindouras.

*Quando lemos ensaios filosóficos ou psicanalíticos – os de Derrida, os de Lacan, os de Deleuze – ficamos com a impressão de que eles se ajustam bem demais às questões postas pela ficção literária. A ficção vem primeiro, e o pensamento por conceitos se desenvolve sobre a base do que põe a literatura?*

Certamente há esse ajuste perfeito, como você diz, mas eu também acho – como mencionei anteriormente, Derrida pratica a filosofia empreendendo leituras de textos filosóficos – que há casos em que a leitura de textos literários pode ser encarada como uma forma de trabalho filosófico. Isso me parece de fato fundamental e eu tento efetivamente convencer os meus alunos a pensarem na leitura de obras literárias como uma modalidade de análise filosófica, ao invés de imaginarem que devem simplesmente abordar a obra literária com um conjunto de conceitos e categorias filosóficas que eles então aplicam à obra. No modelo sob o qual operávamos anteriormente, o objetivo era visto como sendo o de produzir interpretações literárias: tomávamos os conceitos de empréstimo à psicanálise,

ou à filosofia ou a qualquer outro corpo de conhecimento e aplicávamos esses conceitos à obra literária a fim de gerar uma interpretação particular. Mas se deixamos de conceber a interpretação literária como o objetivo dos estudos literários genericamente, e deixamos de concebê-la também como o objetivo de toda reflexão nas ciências humanas, então é fundamental que se considere a tradição filosófica que nos precede não como um conjunto de instrumentos a serem aplicados, mas como recursos que nos tornam capazes de também nos envolvermos com questões filosóficas. O que se desdobra da leitura de Derrida de obras literárias não é uma nova interpretação de Blanchot, ou daquilo de que Ponge realmente trata, ou qualquer outro resultado similar, mas uma reflexão sobre problemas filosóficos tais como a representação, o problema da assinatura do nome próprio, ou questões da ficção e da representação como em *Demeure*. Embora pudéssemos pensar a respeito desse livro como uma interpretação da obra de Blanchot, ele na verdade reflete muito mais um compromisso com as questões filosóficas; conseqüentemente me parece um bom modelo a ser seguido, embora seja, obviamente, uma maneira complexa de proceder.

*Se os leitores são “jogados” pelos textos, no sentido de que os textos literários prefiguram todas as possíveis interpretações até o ponto da contradição, no sentido de que os textos sempre retornam ao seu próprio emaranhamento, a tarefa da interpretação ou do trabalho filosófico com textos literários não levaria necessariamente a aporias e paradoxos? Os textos não posicionam os leitores numa plataforma oscilante onde encenam infinitamente os pontos cegos que os constituem? Há um caminho para fora do texto?*

Em um certo sentido não, estamos sempre dentro de um texto. Não há um caminho para fora de um texto; nós simplesmente exploramos vertentes de pensamento facilitadas pelos textos e as exploramos com um certo grau de autoconsciência

quanto às maneiras pelas quais podemos nos enredar nos processos do texto. Creio que a sua pergunta é muito boa, na medida em que enfatiza a complexidade da relação entre o leitor e o texto, que muito freqüentemente tendemos a simplificar. Por exemplo, pensamos no texto como um objeto e pensamos em nós mesmos como sujeitos, projetando nossa subjetividade no texto, enquanto qualquer leitura digna desse nome é aquela na qual o texto executa certas operações sobre o leitor a fim de torná-lo capaz de fazer coisas que não conseguiria fazer antes de seu envolvimento com aquele texto particular. Esperamos que boas interpretações sejam produzidas à medida que sejam modificadas pela *performance* do texto, mas os alunos podem também estar tão absorvidos com eles mesmos que não observam aquilo que o texto lhes pede para fazer. Sou favorável a induzir os alunos a realizarem operações com os textos que envolvam um certo grau de sistematicidade, em parte como uma estratégia de estranhamento. Se pedirmos que escrevam o que eles acham sobre o tema do texto, começarão com as idéias que lhes vêm à cabeça. Mas se pedirmos que escrevam alguma coisa sobre uma única sentença de um texto breve, sem que lhes seja permitido ignorar quaisquer dos termos, devendo registrar tudo em minúcias, certamente podem ser forçados a sair de seu próprio quadro de referência e impelidos a observar elementos específicos do texto. Na verdade uma das virtudes da abordagem de Barthes em *S/Z* é o fato de ele se haver obrigado a comentar cada frase, a tornar explícito o que geralmente permanece inarticulado – o que lhe permitiu alcançar novas reflexões e todo tipo de releituras. Tive recentemente um aluno que trabalhava com um texto de Derrida chamado “Aphorism CounterTime” (“Aphorisme Contretemps”), que é sobre *Romeu e Julieta* e consiste em 39 seções, 39 aforismos de um tipo ou de outro. Esse aluno se propôs a tentar produzir uma espécie de mapa do texto, explorando o tema de cada aforismo e a maneira como se relacionavam uns aos outros. Era preciso que ele demonstrasse algum tipo de

organização – não necessitava provar que estava bem organizado – mas ao menos ele tinha que mapear sistematicamente a organização do texto. Isso pode parecer um exercício mecânico, mas foi de fato bastante produtivo porque não lhe era permitido simplesmente focalizar o que quer que lhe parecesse mais importante, como, por exemplo, uma visão geral do tema do texto; ele tinha que descobrir como esse texto de fato operava. Esse tipo de estratégia, que requer uma espécie de *close reading*, dá ao texto a oportunidade de nos fazer descobrir como responder a ele. Creio que essa é uma exigência para uma leitura válida, ou para uma leitura interessante de um texto, colocando-nos na posição de sentir ou de perceber sua estranheza e de permitir que essa estranheza opere sobre nós.

*Derrida não faz a desconstrução voltar-se contra ele mesmo quando repete os erros que acusa Lacan de cometer na análise de “A Carta Roubada”, de Edgar Allan Poe? Não seria essa repetição um efeito mesmo da “Carta”, tencionado por Poe? Então em que medida a própria desconstrução seria um efeito dos textos literários?*

Esta é uma boa pergunta, difícil de responder. Naturalmente Barbara Johnson escreve muito bem sobre essa relação em sua análise da leitura de Derrida da leitura lacaniana de Poe (“The Frame of Reference”). Pode-se observar de que forma discordâncias interpretativas que ocorrem em torno de um texto são prefiguradas no próprio texto de uma forma ou de outra, são de alguma maneira tematizadas no texto. Essa questão talvez envolva uma leitura um tanto quanto alegórica do próprio texto e de suas interpretações. Mas tudo isso não significa que, ao ler um texto, alguém possa visualizar antecipadamente qual será a história das interpretações subseqüentes. Somente quando já se tem essa história pode-se com frequência retornar a ela e observar como as leituras tradicionais já haviam sido encenadas, já haviam sido prefiguradas no jogo do texto. Certamente a leitura de Barbara Johnson de Derrida e

Lacan é muito engenhosa. Acho que em muitos casos ela interpreta Lacan como se ele já afirmasse o que ela própria absorveu de Derrida, encontrando, assim, no texto de Lacan, implicações que o próprio Lacan provavelmente rejeitaria, e que Barbara Johnson não seria capaz de alcançar sem Derrida. Mas dado o encontro entre Derrida e Lacan, da forma como Derrida o encena, é certamente tentador dar um passo a mais e reverter a relação entre eles. E por certo outros leitores que vêm em seguida a Barbara Johnson podem tentar demonstrar como os seus movimentos já haviam sido antecipados nos textos de Poe ou de Derrida.

*Deixo aqui o espaço para quaisquer observações de sua própria escolha...*

Foi um prazer discutir com você essas questões. Penso que as perspectivas sobre esses desenvolvimentos teóricos europeus e americanos, que adquirimos dos povos de outros países, são com frequência extremamente interessantes, porque são independentes dos investimentos particulares desses países, onde as leituras e as interpretações dos textos da tradição podem ser levadas a cabo através de um olhar distinto, com certa distância, de uma perspectiva diversa. Naturalmente, no seu país vocês perseguem os seus próprios interesses e estabelecem os seus próprios compromissos. Eu não posso avaliar a proporção em que a herança portuguesa é crucial para o Brasil, em que medida a linguagem transporta a bagagem cultural da tradição de pensamento europeu. Pergunto-me qual deve ser a experiência de ter uma relação diferente com a tradição européia e se o fato de vocês falarem português num continente em que o espanhol é predominante tem como consequência uma relação especial com a tradição européia.

Creio que devo mencionar, à guisa de conclusão, que tenho um livro sendo publicado no outono (2006), pela Stanford University Press, chamado *O Literário em Teoria*. É uma coleção de ensaios que venho publicando em anos recentes e que

endereça justamente as questões de que vimos tratando nesta entrevista: em que medida a noção do literário e da literatura – que durante um tempo foi contestada e esteve sob o ataque dos estudos culturais –, em que medida essa noção agora retorna? Quando me iniciei nesta profissão meu interesse maior era o estruturalismo e em certa medida o formalismo russo, onde a questão do literário era vista como crucial ao empreendimento teórico, a questão da natureza da literariedade era central tanto ao formalismo quanto ao estruturalismo. Tenho interesse em indagar sobre a evolução desse processo, e sobre qual tem sido o papel do literário na teoria em anos recentes. A minha suposição é a de que depois de um período em que foi contestado

(pelos estudos culturais e pelos vários historicismos) esse papel tem sido agora nitidamente revigorado e continuará sendo extremamente importante. Parece-me, de fato, que cada vez mais as tendências filosóficas de interesse para aqueles que trabalham nas humanidades de um modo geral são aquelas que levaram a sério a noção do literário, sejam as de Derrida, as de Giorgio Agamben ou Alain Badiou. Mesmo que o estado atual dos estudos literários nos Estados Unidos não pareça muito promissor – mesmo que os estudos literários pareçam estar numa posição defensiva – a mim parece ainda que a fortuna do literário nas humanidades é bastante auspiciosa e destinada a permanecer muito importante.

---

## LIVROS DE JONATHAN CULLER

- Flaubert: The Uses of Uncertainty*. London, Elek Books; Ithaca, Cornell University Press, 1974 (Revised edition: Cornell University Press, 1985).
- Structuralist Poetics: Structuralism, Linguistics, and the Study of Literature*. London, Routledge and Kegan Paul; Ithaca, Cornell University Press, 1975 (Revised edition: Routledge Classics, 2002. Spanish, Japanese, Portuguese, Chinese, and Croatian translations).
- Saussure*. London, Fontana; Brighton, Harvester, 1976; New York, Penguin, 1977 (Second revised edition, Ithaca, Cornell University Press, 1986; London, Fontana, 1987. Japanese, Serbian, Slovenian, Portuguese, Turkish and Finnish translations).
- The Pursuit of Signs: Semiotics, Literature, Deconstruction*. London, Routledge and Kegan Paul; Ithaca, Cornell University Press, 1981. (Revised edition, Routledge Classics, Routledge, 2001, Cornell University Press, 2002. Japanese translation).
- On Deconstruction: Theory and Criticism after Structuralism*. Ithaca, Cornell University Press, 1982; London, Routledge, 1983 (Japanese, Spanish, Italian, German, Portuguese, Serbian, Chinese, Polish, Korean, Hungarian, and Czech translations).
- Barthes*. London, Fontana; New York, Oxford University Press, 1983 (Japanese, Portuguese and Chinese translations. Revised and expanded edition: *Roland Barthes: A Very Short Introduction*, OUP, Oxford, 2001).
- (Ed.). *The Call of the Phoneme: Puns and the Foundations of Letters*. Oxford, Blackwells and Norman, University of Oklahoma Press, 1987.
- Framing the Sign: Criticism and Its Institutions*. Oxford, Blackwells and Norman/University of Oklahoma Press, 1988 (Japanese translation).
- Literary Theory: a Very Short Introduction*. Oxford, Oxford University Press, 1997 (Polish, Chinese, Korean, Portuguese, Italian, German, Spanish, Croatian, Japanese and Romanian translations).
- (Ed. with Kevin Lamb). *Just Being Difficult? Academic Writing in the Public Arena*. Stanford, Stanford University Press, 2003.
- (Ed.). *Deconstruction: Critical Concepts*. 4 vols. London, Routledge, 2003.
- (Ed. with Pheng Cheah). *Grounds of Comparison: Around the Work of Benedict Anderson*. Routledge, 2003.